

Busca do Espaço Defensível em Conjuntos de Habitação de Interesse Social – A Contextualização do problema da violência

SCHÖFFEL, Débora Grando
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - NAURB
SCHNEIDER, Camila Storch
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - NAURB
MEDVEDOVSKI, Nirce Saffer
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - NAURB

1 INTRODUÇÃO

O Projeto de pesquisa DEFENSHAB - Busca do Espaço Defensível em Conjuntos de Habitação de Interesse Social - Projeto e Gestão em Estudo de Caso para o PAR em Pelotas, RS”¹ tem como objetivo avaliar o impacto das ações que visam a segurança residencial em conjuntos residenciais edificados para arrendamento, buscando identificar sua influência sobre as relações ambiente-comportamento estabelecidas no cotidiano destes conjuntos e propor recomendações para o projeto e gestão de espaços defensíveis.

O tema da segurança nos conjuntos habitacionais de interesse social vem desafiando os estudos em arquitetura e urbanismo na solução de um problema crucial da relação ambiente /comportamento: a contribuição que as soluções físico-espaciais podem aportar para minorar e prevenir a incidência de crimes e delitos nas áreas privativas das unidades habitacionais, nas áreas comuns e no seu entorno imediato (DAVIES,2004, NEWMANN, 1996).

A associação entre maior segurança e o fechamento dos espaços de empreendimentos habitacionais tem se apresentado como, se não a única, como a principal alternativa para combater o crime que ameaça em suas diversas manifestações a população urbana. Esta proposta de fechamento vem, em sua maioria, associada à gestão dos espaços comuns através de condomínios, associações de moradores e, mais raramente, da auto gestão. A garantia da segurança é deixar para além dos muros de proteção os males que hoje afligem o cotidiano da vida nas cidades. A figura do arrendamento, por sua vez, traz o tema da gestão condominial para o foco da avaliação, ao prolongar pelo período do arrendamento, a intervenção da CAIXA e das administradoras terceirizadas nas decisões sobre o uso dos espaços condominiais. A cidade de Pelotas possui a presença de significativo número de conjuntos habitacionais produzidos dentro do programa PAR a partir de 2001, todos promovidos sob a forma de condomínio fechado.

Através da pesquisa sobre a realidade latino americana e brasileira quanto à violência urbana entenderemos como está se tratando este problema e quais estão sendo as hipóteses para explicar esta onda crescente de crimes em todos os tipos de sociedades. Com uso do recurso de revisão bibliográfica em livros, revistas e por órgãos especializados em segurança encontramos dados para entender a situação mundial quanto à violência urbana e como os países estão interpretando estes dados devido às suas diferentes culturas.

¹ Edital 02-2009CNPq.- Ciências Sociais Aplicadas.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

A pesquisa, que se encontra em fase inicial, está sendo realizada através de revisão bibliográfica e consultas em sites especializados em violência urbana, os quais nos fornecem uma visão mundial sobre segurança. Está previsto para as próximas etapas do estudo visitas técnicas e entrevistas com moradores de conjuntos habitacionais de interesse social em Pelotas/RS. Com os dados obtidos nos levantamentos realizaremos o cruzamento das informações para haver um melhor entendimento da real situação dos habitantes de HIS frente à violência em relação ao cenário global, e propor recomendações para o projeto e gestão de espaços defensíveis.

A análise da segurança nos conjuntos habitacionais será operacionalizada no cruzamento das tipologias edilícias utilizadas no Programa de Arrendamento Residencial – PAR com variáveis físico-territoriais identificadas na bibliografia. Partindo do pressuposto de que fatores físico-espaciais combinados podem influenciar na criminalidade, VIEIRA (2002) destaca seis variáveis:

1. Definição e controle territorial: O conceito da *territorialidade* trata de comportamentos que afetam a segurança e a manutenção dos espaços. A relação deste conceito com a detenção do crime é baseada na hipótese que residentes são mais propensos a proteger contra intrusos aqueles espaços que consideram como seus ou sob seu controle.

2. Configuração dos acessos: Nos conjuntos habitacionais, a configuração dos acessos determina a facilidade com que se pode entrar no interior dos espaços comuns e privados. Para esta variável de análise, a presença de muitos acessos e muitos espaços abertos semi-públicos, torna mais difícil o controle e gera maior insegurança.

3. Conexões visuais e funcionais: o número e a posição das janelas contribuem para criar um ambiente seguro em conjuntos habitacionais, à medida que permite aos moradores a vigilância natural de áreas internas e externas. Estas áreas tendem a ter maior utilização, melhorando sua segurança.

4. Aparência, manutenção e personalização: A aparência afeta o senso de bem-estar, pois as pessoas se sentem mais seguras em lugares com boa aparência e nos locais com características de vandalismo e abandono há maior probabilidade da ocorrência de crimes, sentindo-se mais vulneráveis ao crime.

5. Potencial de movimento, nível de integração e uso dos espaços: O potencial de movimento de uma via pode ser analisado sob o ponto de vista do seu nível de integração com os demais espaços da malha urbana, onde as ruas mais integradas seriam aquelas com maior número de ligações com os demais espaços em uma determinada área.

6. Localização do conjunto no contexto urbano: Alguns autores afirmam que os conjuntos de interesse social são construídos nas periferias, em áreas já com altos níveis de criminalidade (Farley, 1982 e Newman, 1972, apud Vieira, 2002), enquanto outros autores defendem que é a construção de alguns conjuntos que causam o aumento da criminalidade (Neild e Paylor, 1996, apud Vieira, 2002).

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Entre as variáveis mencionadas por Vieira (2002) este artigo trata do tema da “localização do conjunto no contexto urbano”, buscando esclarecer o quadro da violência urbana na cidade de Pelotas em relação a realidade estadual, nacional e latino americana. Visa auxiliar no entendimento de porque a preocupação com a segurança residencial está penetrando também nos setores de moradia de interesse social.

Na busca em fontes que estudam sistematicamente as violências, estão sendo pesquisados dados referentes a América Latina e a posição do Brasil neste contexto, e em segundo lugar, a posição do Rio Grande do Sul no contexto brasileiro. Também estão sendo buscados dados comparativos da violência em cidades de porte médio e a capital do Estado.

Conforme o sociólogo Cláudio Beato coordenador do CRISP, Centro de Estudos em Criminalidade e Segurança Pública, as taxas de homicídio da América Latina revelam que a região é considerada uma das mais violentas do mundo, com índices duas vezes mais elevados que a média mundial: 22,9 por cem mil habitantes contra 10,7. Segundo a pesquisa *Atitudes, Normas Culturais e Valores em Relação à Violência* elaborada pela NEU/USP – Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo – 50% dos habitantes das dez maiores capitais do país evitam sair à noite e 38% deixaram de circular em determinados bairros e ruas, estes dados revelam o condicionamento que a população brasileira tem sofrido por medo da violência. (MACHADO, 2010) Com o aumento nos números de violência urbana a população tem se demonstrado mais interessada neste assunto: em 1997, a criminalidade era a maior preocupação para 31% dos brasileiros. Em 2007, tornou-se a preocupação número 1 para 59% dos cidadãos do nosso país. (CARNEIRO, 2007) Enquanto que no Rio Grande do Sul uma pesquisa realizada em julho de 2010 pelo Ibope demonstra que a segurança é a segunda preocupação do eleitor gaúcho com 23%, seguida pela educação com 15%. (MACHADO, 2010)

Conforme o 3º Relatório Nacional de Direitos Humanos foram assassinados, entre 2000 e 2004, em média cinco pessoas por dia no Rio Grande do Sul, ocasionando um aumento de 19% no número de homicídios, o que evidencia o alto crescimento da violência no Estado quando comparado a média nacional de 6,6%. (GONZZATO, 2007)

Criminalidade em Pelotas- furto e roubo à moradia

O quadro da situação geral da segurança na cidade foi colocado através dos dados pesquisados ao longo de 2007 em Pelotas junto ao Programa de Pós Graduação em Epidemiologia da Universidade Federal de Pelotas. Em sua dissertação de mestrado, aplicando questionários diretamente a uma amostra da população urbana, Cruz (2008) evidencia que o tipo de violência urbana mais relatada foi o furto/roubo à residência (9,7%), ou seja, um a cada dez pelotenses teve sua casa furtada/roubada no último ano (2006/2007). O segundo crime mais comum, vitimando 6,0% da população, foram os furtos. Os roubos e as agressões, que são crimes que envolvem uso de violência, foram os menos frequentes, com prevalências de 2,7% e 1,5%, respectivamente. Mais da metade das pessoas que sofreram algum tipo de violência urbana no último ano não denunciou o crime à Polícia Civil de Pelotas, portanto não há um Boletim de

Ocorrência (BO) sobre o crime sofrido. Entre os principais motivos apontados pelas vítimas para esse comportamento, destacaram-se: não confiar na polícia (57,7%); não conhecer o criminoso (25,5%); ter medo de sofrer retaliação do agressor (8,3%); e buscar resolver a situação de outra forma, por meios não legais (6,4%).

4 CONCLUSÕES

A partir da revisão bibliográfica que esta sendo realizada evidenciamos que o problema da segurança faz parte do cotidiano do brasileiro e está com seu crescimento acelerado nos últimos anos. O estudo revelou que a percepção da violência aumentou significativamente, acompanhado de uma mudança no modo de vida dos moradores das cidades.

Os dados do estudo confirmam que a violência é um problema também em cidades de porte médio. Segundo a autora, o conhecimento sobre sua dimensão é uma ferramenta importante para incrementar, executar ou criar políticas públicas de segurança e saúde locais mais efetivas, pautadas nas prioridades do município. Com certeza estas políticas deverão incluir os espaços residenciais, visto a incidência de crimes contra o patrimônio e contra o morador em seu local de moradia.

Na próxima etapa do estudo será abordado o quanto e como a preocupação com a segurança residencial está penetrando nos setores de moradia de interesse social e como os fatores físico-espaciais estão influenciando para a segurança (ou insegurança) residencial.

5 REFERÊNCIAS

- ADORNO, Sérgio. Exclusão socioeconômica e violência urbana. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 4, n. 8, p. 84 - 135, 2002.
- BEATO, Claudio C. Crime e políticas sociais na América Latina. **Informativo CRISP**, Minas Gerais v.0 n. , p. 1 – 16, 2001.
- CRUZ, Suélen. Violência Urbana em Pelotas – RS. 2007. Dissertação (Mestrado em epidemiologia) – Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.
- CARNEIRO, Marcelo. A realidade, só a realidade. **Revista Veja**, São Paulo, v. 2030, n.41, p. 80 - 83, 2007.
- DAVIES Llewelyn. **Safer Places: The Planning System and Crime Prevention**. Office of the Deputy Prime Minister. Thomas Telford Limited, London, 2004.
- GONZATTO, M. Violência mata cinco por dia. Zero Hora, Porto Alegre, Caderno Polícia, p.35, 17 março de 2007.
- MACHADO, L. Violência nas ruas muda os hábitos da população: estudo realizado em oito capitais revela que metade dos entrevistados evita sair à noite. Diário Catarinense, Florianópolis, p.42, 06 de fevereiro de 2010.
- NEWMAN, Oscar. **Creating Defensible Space**. Washington:US.Department of Housing and Urban Development. 1996

VIEIRA, Liése Basso. **Influência do Espaço Construído na ocorrência de crimes em Conjuntos Habitacionais**. Porto Alegre: UFRGS, 2002. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.